



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

**RANIELE LAYSE DO NASCIMENTO LIMA**

**ANÁLISE DO PROCESSO DO LUTO EM A  
DESUMANIZAÇÃO DE VALTER HUGO MÃE, A PARTIR DA  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DE SIGMUND FREUD E  
MELANIE KLEIN**

JOÃO PESSOA  
2018

**RANIELE LAYSE DO NASCIMENTO LIMA**

**ANÁLISE DO PROCESSO DO LUTO EM A  
DESUMANIZAÇÃO DE VALTER HUGO MÃE, A PARTIR DA  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DE SIGMUND FREUD E  
MELANIE KLEIN**

Monografia apresentada no curso de  
graduação de LÍNGUA PORTUGUESA do  
Centro de letras como um dos pré-requisitos  
para obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof. Dra. Vanessa Neves  
Riambau Pinheiro

**JOÃO PESSOA**

**2018**

**Catálogo na publicação**

#### **Seção de Catalogação e Classificação**

L732a Lima, Raniele Layse do Nascimento.

ANÁLISE DO PROCESSO DO LUTO EM A DESUMANIZAÇÃO DE VALTER HUGO MÃE, A PARTIR DA PERSPECTIVA PSICANILÍTICA DE SIGMUND FREUD E A DA MELANIE KLEIN / Raniele Layse do Nascimento Lima. - João Pessoa, 2018.

35f.

Orientação: Vanessa Neves Rimbau Pinheiro.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Luto,psicanálise; processo e morte; desumanização. I. Pinheiro, Vanessa Neves Rimbau. II. Título.

UFPB/CCHLA

**RANIELE LAYSE DO NASCIMENTO LIMA**

**ANÁLISE DO PROCESSO DO LUTO EM A  
DESUMANIZAÇÃO DE VALTER HUGO MÃE, A PARTIR DA  
PERSPECTIVA PSICANALÍTICA DE SIGMUND FREUD E DA  
MELANIE KLEIN**

Monografia apresentada como exigência parcial para  
obtenção do título de graduação, à Comissão Julgadora  
designada pela UFPB do Curso de graduação – Centro de  
letras.

JOÃO PESSOA, 07 de JUNHO de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Vanessa Neves Riambau Pinheiro

---

Prof. Dr. Expedito Ferraz Junior

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Lília dos Anjos Afonso

**Dedico a Deus, por sempre iluminar meus  
caminhos, e ao meu pequeno anjo que olha por  
mim lá do céu.**

**“E saiba que eu a ouvir chorar, eu partirei, mas você  
não ficara sozinha...” Alok-Ocean**

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço à minha mãe, Eliene Nascimento que sempre foi minha base e força.

Sou grata ao meu pai Geraldo Nascimento, e ao meu irmão, Jefferson Nascimento por acreditarem e apoiarem meu sonho.

Ao meu companheiro de vida, Daniel Lima que sempre esteve ao meu lado nessa jornada universitária.

A minha pequena Luísa Bianca por ter sido tão compreensiva nas minhas pequenas ausências e por todo carinho nos meus momentos de estresse.

A Ingrid Lima e Maria Lima, sem vocês eu teria enlouquecido, obrigada por todo companheirismo e pelo incentivo.

Agradeço a todos os meus mestres, principalmente a minha orientadora Vanessa Neves Rimbau Pinheiro que acreditou em meu projeto, por sempre ter orientado-me da melhor forma e por ser essa pessoa tão agridoce que admiro desde o dia que conheci.

## RESUMO

O propósito desta pesquisa é analisar de que forma o luto se desenvolve na narrativa a *Desumanização* do autor português Valter Hugo Mãe. Para compreender o conceito de luto dentro da perspectiva psicanalítica foi necessário partir pela obra do precursor da investigação da psique, Sigmund Freud e Melaine Klein. Os autores sistematizaram teoricamente fenômenos até então incompreendidos sobre o funcionamento mental. O romance *A desumanização*, discute acerca da morte de uma irmã gêmea, e o processo de luto de toda a família, e demonstra claramente como este sofrimento pode afetar a personalidade do indivíduo, um exemplo claro é a mãe das gêmeas. A filosofia deste estudo foi atrelada a três grandes autores e assim foi possível demonstrar em várias vertentes como o processo de luto afeta a psique.

**PALAVRAS-CHAVE:** luto, psicanálise; processo e morte; desumanização; gêmeas Halla

## **ABSTRACT**

In order to understand the concept of mourning within the psychoanalytic perspective it was necessary to start with the work of the forerunner of the investigation of the psyche, Sigmund Freud and Melaine Klein. The authors theoretically systematized phenomena hitherto misunderstood about mental functioning. In the novel *The Dehumanization* addressed in this study, discusses the death of a twin sister, and the grieving process of the whole family, and clearly demonstrates how this suffering can affect the person's mental development, a clear example is the mother of the twins . The philosophy of this study was linked to three great authors and thus it was possible to demonstrate in three aspects how the process of mourning affects the psyche.

**KEYWORDS:** mourning, psychoanalysis; process and death; dehumanization; Halla twins



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. PERCURSO METODOLOGICO .....</b>	<b>11</b>
2.1 Coleta De Dados .....	11
<b>3. O CONCEITO DE LUTO NA VISÃO DE KLEIN E FREUD .....</b>	<b>13</b>
<b>4. O LUTO À LUZ DO LIVRO “A DESUMANIZAÇÃO” .....</b>	<b>20</b>
<b>5. O LUTO DA FAMÍLIA DAS GÊMEAS HALLA.....</b>	<b>28</b>
5.1 O Luto Vivenciado Pela Mãe das Gêmeas Sigridur e Halla .....	28
5.2 O Luto Vivenciado Pelo Pai das Gêmeas Sigridur e Halla.....	30
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	

## 1. INTRODUÇÃO

A morte deve ser concebida de forma natural e progressiva, Klein (1946) e Freud (1895) procuram esclarecer as fases da boa morte, para que seja aceita de forma menos traumática. Com isso, apresentam três momentos importantes nessa etapa; a primeira é o momento de definir a hora final, dar o último encaminhamento; o segundo são as pessoas envolvidas, o cenário do momento da morte e o terceiro são os procedimentos pós-morte e como proceder com os familiares presentes (KEINERT; KEINERT; DIAS, 2010).

Para Freud (1917 [1915]) a morte é representada como uma perda objetal e, que este é instaurado no processo de reativação de experiências do princípio do desenvolvimento psíquico humano adjunto de processos de luto. Assim, o processo de luto é instaurado a partir da perda de algo, a morte, o que consiste no desligamento da libido em relação a cada lembrança e expectativa que esteja relacionada a este objeto perdido, assim considera um processo de grande lentidão.

Comportamentos variados que levam à morte, muitas vezes, são sentidos como sedutores por certos indivíduos que passaram por uma perda real ou simbólica, como se pudessem se religar com o objeto perdido. A atratividade pela morte se torna ainda mais misteriosa quando nos deparamos com comportamentos manifestamente dolorosos, como demonstrados no romance *A Desumanização*. Tais comportamentos muitas vezes são consequências da fase depressiva. (OLIVEIRA, ET. al., 2010).

A história de *A desumanização* divide-se em duas partes. Em ambas, a figura central é a menina Halladora, narradora principal, entre outros fatos, dos efeitos e consequências da morte da irmã gêmea Sigridur. Logo após a morte, Halla, como é denominada, visita diariamente o túmulo da irmã, mantendo um diálogo em que recupera episódios e opiniões de Sigridur.

Assim, este estudo demonstra por meio da literatura, e pelos autores Sigmund Freud e Melaine Klein no capítulo I o processo de luto frente à morte e como esse processo pode ser vivenciado de formas diferentes diante de uma mesma perda, capítulo II elenca o romance da *A Desumanização*, o qual narra a história de duas gêmeas, Halldora e Sigridur, onde uma delas teve que amadurecer e no terceiro capítulo o processo de luta da família ao perder uma das gêmeas.

## **2. PERCURSO METODOLÓGICO**

A importância da organização dos procedimentos metodológicos, conforme Ferreira (2005, Pág.135), “É possibilitar que o pesquisador tenha acesso aos dados necessários para responder à sua pergunta de pesquisa”. Para esse autor, as disposições metodológicas devem ser consequências dos objetivos da investigação, das características e especificidades dos diferentes fatores envolvidos no processo de pesquisa.

Para realizar o presente estudo, foi necessária pesquisa bibliográfica, por considerar imprescindível relacionar os pensamentos de natureza teórica de maneira que este sirva de embasamento, de interpretação de preceitos, de significado dos dados, buscando ligação entre os pensamentos de natureza pessoal com os fundamentos teóricos dos autores.

Por meio da conciliação entre as duas abordagens, é possível ampliar ainda mais o conhecimento acerca de questões e temáticas que, muitas vezes pelas limitações de estudo na literatura, não são comuns ou estudadas com maior profundidade durante graduação e pós-graduação (CRESWELL, 2010).

### **2.1 Coleta De Dados**

Este estudo é uma revisão de literatura com seleção de autores de grande importância para a concretização do processo de luto, utilizando as seguintes bases de dados: PubMed, SciELO. Busca pelo termo “luto familiar”. Com filtros de texto completo disponível, ano de publicação entre 2013 e 2017 e tipos de documentos artigos e monografias.

# **CAPÍTULO I**

### 3. O CONCEITO DE LUTO NA VISÃO DE KLEIN E FREUD

Em 2015 os principais artigos metapsicológicos freudianos completaram 100 anos. Dentre eles, destaca-se a obra clássica “Luto e Melancolia” (1917 [1915]), que institui como ponto de partida a figura da melancolia, e posteriormente comparada ao luto. Freud descreve o luto como um afeto normal de perturbações mentais narcisistas na vida do indivíduo. Afeto normal, pois, apesar de envolver afastamento do que é definido como algo normal ao longo da vida do sujeito, o luto é um processo que pode ser superado após um determinado tempo, não podendo assim, ser incluído numa estrutura patológica.

O processo de luto está inevitavelmente presente na dinâmica entre os dois polos da existência humana: a vida e a morte. A questão do trauma encontra-se nas origens da psicanálise e é muito difícil falar de luto e perda sem relacioná-los com o trauma, pois em uma dada dimensão toda perda é traumática. Ferenczi, Abraham, Simmel, Jones - com prefácio de Freud – apresentaram o pioneiro *Psycho-Analysis and the war neurosis* (1921) tendo sido os primeiros a investigar essas patologias.

Assim, Freud (1917 p.245) define:

O luto, de um modo geral, é a reação a perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido.”. Com base nos estudos de base analítica, principalmente de acordo com visão freudiana, pode se dizer que a dor e a tristeza que o sujeito vivencia durante o processo do luto, é na verdade uma reação à perda de algum objeto que foi de alguma forma, minimamente, investido libidinalmente. Essa dor é necessária, pois o indivíduo necessita vivenciar a retirada de seus investimentos libidinais das diversas representações psíquicas do objeto perdido.

O processo de luto é instaurado no âmbito da perda de algo, o que consiste no desligamento da libido em relação a cada lembrança e expectativa que esteja relacionada a este objeto perdido, assim considera um processo de grande lentidão, ou seja, demonstra-se que o objeto não é mais parte única do luto em ação, e assim retira toda a libido das ligações com aquele objeto inicial. Freud (1917 p.367), ainda, acrescenta: As lembranças e

expectativas são isoladas por meio da libido a qual está vinculada ao objeto, e é evocada e hiper investida, o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”.

Sendo assim, o trabalho do luto está finalizado quando se finaliza este processo e o eu está outra vez livre e desinibido para investir em outros objetos, substituindo o perdido.

Dentro de uma perspectiva semelhante, desde os primeiros trabalhos de Karl Abraham (1911/1970), passando por Melanie Klein (1961) e seus seguidores, como também pelos teóricos das relações de objeto, a questão do luto acompanhou os principais momentos da psicanálise pós-freudiana. Nesse sentido, observa-se que as investigações sobre o trabalho do luto complexificaram-se no decorrer do último século.

Klein (1961) define, em sua teorização, um outro modo de relação com a perda e propõe a noção de “luto anormal”. Este seria desencadeado pela não superação da posição depressiva arcaica.

Diante da forma patológica do luto, Klein (1917 p.413) enfatiza que:

[...] há uma inacabável transação com o objeto perdido, e uma impassibilidade pela perda, consequência de um enfraquecimento de sentimentos. Podendo ocasionar uma psicose grave, onde o ego recorre a uma fuga dos objetos internos apropriados, ou uma neurose quando o ego recorre a uma fuga dos objetos externos apropriados. A teorização de Melanie Klein sobre o luto articula-se, portanto, à constituição do eu e à posição depressiva a fim de discorrer sobre as vivências de luto na idade adulta, enfatizando a possibilidade de se pensar o luto patológico.

A fim de obter uma melhor compreensão acerca do luto no âmbito da psicanálise, é de grande importância considerar o estudo de Freud acerca da investigação que tange à investigação da psique. O autor sistematiza de forma teórica os fenômenos que acometem o funcionamento mental quando em circunstâncias de tristeza, como o momento de luto.

Freitas (2000) apontou a imposição da realidade durante o luto como uma etapa essencial e natural, apesar de dolorosa, a ser vivenciada durante o luto, descrevendo que é necessário um certo tempo para a realização minuciosa do mandado imposto pela prova da realidade. Depois de finalizada esta etapa o eu consegue retirar a libido do objeto perdido,

desligando-se dele. Ou seja, Freud (1917 [1915]) afirma que a perda de um objeto amado leva o sujeito a reinstalar no eu esse objeto perdido, para só posteriormente desligar-se.

Klein (1996) acrescenta que o luto normal é mais que a instalação do objeto perdido no eu do enlutado, é a reinstalação do mesmo numa tentativa de recuperar os objetos bons internos, os pais, que o sujeito perdeu na infância. Após esta reinstalação dos objetos bons perdidos e a reconstrução do mundo interno que se encontra ameaçado pelos objetos internos maus, a pessoa se sente capaz de superar a angústia da perda.

Deste modo, baseado no exposto acima, podemos citar outro autor de grande importância e que corrobora com os pensamentos de Freud, Melanie Klein em que parte do pressuposto de que a Psicanálise tem uma fronteira de pensamentos desenvolvimentista, e assim abrange os processos que envolvem perdas. Assim é de grande precisão entender o pensamento destes autores para assim correlacionar com o processo de luto, ao passo que não é colocado isto de forma direta, e sim é possível atrelar tais pensamentos aos conceitos de luto.

Para Melanie Klein, no processo de luto a relação com a posição depressiva, o objeto de amor é introjetado e instalado no mundo interno do sujeito. Sendo assim, quando há o trabalho do luto na idade adulta, o sujeito tem uma fantasia inconsciente de que, em virtude da perda desse objeto, todos os outros objetos bons serão perdidos, predominando os objetos maus, ativando por sua vez a posição depressiva e os sentimentos de ansiedade, como ressaltam Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013). Para Freud (1917) a melancolia é apresentada como o estado patológico decorrente de uma perda.

Freud explica o processo do trabalho do luto em comparação com o estado patológico da melancolia. Entretanto, os textos das obras de Freud, encontrou-se comparações com o estado patológico provocado pela vivência de uma perda, a Melancolia.

A partir da comparação apresentada entre o luto normal e a melancolia, pode-se afirmar que, o eu do melancólico identifica-se com o objeto perdido, identificação que não ocorre no luto normal. As autoacusações e auto discriminações feitas pelo melancólico, na verdade são feitas a esse objeto, que se apresentam por conta da perda, com quem ele se identificou e incorporou, levando assim, o indivíduo a voltar o ódio para si.

A investigação psicanalítica mostra que neste estado patológico, denominado de melancolia, existe, como no luto, a perda de um objeto, com a diferença de que diante do

sujeito melancólico, em termos reais, a perda não ocorreu. Pode-se, assim, acrescentar que o melancólico desconhece a perda desse objeto, reagindo a este objeto como se o quê foi perdido, fosse o seu próprio eu.

Seguindo os pensamentos de Sigmund Freud (1915) em sua obra *Luto e Melancolia* é possível perceber que o autor fala de um luto que é decorrente de um trauma e instaurado a partir da dor e tristeza, entretanto, ele justifica que a dor pode sofrer diversas denominações, isto dependerá do momento e da circunstância que ela for instaurada. No ano de 1926, o autor enfatizou que a Dor, na extensão mental, é considerada como uma reação real da perda do objeto.

Segundo Freud (1915, p.389),

Quando há uma dor física, ocorre um alto grau do que pode ser denominado de catexia narcísica da parte do corpo que se sente a dor. Na dimensão mental, diante de uma situação dolorosa, essa catexia está concentrada no objeto do qual se sente falta ou que está perdido, por não poder ser apaziguada, essa catexia tende a aumentar com firmeza. A dor na dimensão mental produz a mesma condição econômica que é criada diante de uma dor física. A transição da dor física para a mental corresponde a uma mudança da catexia narcísica (investida na parte danificada do corpo) para a catexia do objeto (objeto perdido do qual se sente falta).

Assim, os sentimentos de tristeza trazidos pelo luto não são dessemelhantes de um estado de normalidade. A autora indica que esses sentimentos “podem ser o sinal de que um importante trabalho subjetivo está em marcha, operando a perda do objeto e implicando uma remodelagem do eu.

Uma das principais contribuições de *Luto e Melancolia* é o fato de Freud trazer a ideia de que não basta que o objeto desapareça para que nos separemos dele.

“É necessário um verdadeiro trabalho psíquico de perda, [...] tarefa lenta e dolorosa através da qual o eu não só renuncia ao objeto, dele se desligando pulsionalmente, como se transforma, se refaz no jogo com o objeto” (FREUD, 1915 p.401).



Atrelando as teorias de Freud, à teoria de Klein, a qual é denominada como “teoria das relações objetais”, e aos olhos do autor, tal teoria se encontra em um plano mais dinâmico do que de um plano estrutural. Tal dinamismo humano é considerado como uma projeção consistente dos sentimentos que se inicia dentro do mundo interno do indivíduo, o denominado mundo psíquico, que é estabelecido a partir da relação existente entre o objeto e o mundo externo, estabelecendo assim o conceito de perda. Tal conceito pode nortear o desenvolvimento humano acerca da teoria, o desenvolvimento psicosssexual, perfazendo a vida do indivíduo.

Melanie Klein, em sua contribuição para a teoria psicanalítica, pode trazer novos conceitos acerca do trabalho do luto. Na obra da autora, o método de desmame é constituído acerca do primeiro luto vivenciado, ativando uma disposição depressiva no desenvolvimento. Pessoas que convivem com momentos de luto seguidos, tem maior propensão de desenvolver depressões e melancolias, assim segue o pensamento da autora. O luto adulto, seria uma reativação da posição depressiva arcaica (Klein, 1971).

Klein idealiza o luto como perda objetal e, que este é instaurado no processo de reativação de experiências do princípio do desenvolvimento psíquico humano adjunto de processos de luto.

[...] Nesse processo será reativado uma “posição depressiva” obsoleta. Do mesmo modo, o que é sucedido em Klein, é que o luto não é fruto apenas de uma perda objetal real, mas também simbólica e decorrente de sentimentos dolorosos já existentes, causando uma predisposição (Klein, 1961, p.404).

Analisando estes pressupostos, podemos inferir que o perigo inconsciente que o sujeito vive com o medo de ser destruído o leva à pulsão de morte, é o que provoca a angústia, o sujeito vivencia um dos sentimentos mais arcaico de todos os seres humanos, o desejo de viver mesmo em meio ao luto. Está angústia e o medo que o acompanha, é o que o leva a utilizar os mecanismos da projeção e introjeção de conteúdo pulsional e objetal.

E a autora Klein (1961, p.406) acrescenta:

No luto normal, o indivíduo reintrojeta e reinstala não só a pessoa que realmente perde, mas também os pais amados que são percebidos como seus objetos “bons” internos. Seu mundo interior, aquele que vinha sendo construído desde o início da vida, constituiu em ser aniquilado da sua alucinação quando

adveio a perda real. A reconstrução de tal mundo caracteriza o infortúnio do luto bem sucedido.

Adicionalmente, Klein (1961), traz à tona vários processos que antes não eram identificados no trabalho do luto. Um deles, é que a perda de um objeto bom externo, provoca inconscientemente a sensação de se ter perdido o objeto bom interno também.

Para explicitar melhor o trabalho de luto, Klein (1961, p.411) acrescenta o conceito de reações de triunfo. Este triunfo envolve, ao contrário do processo normal do luto, a tentativa de derrotar um objeto por não se permitir sentir falta dele. Não existe estigma por este, o que faz com que o sujeito acabe negando os sentimentos depressivos e as ansiedades que estes podem causar. Este tipo de reação é para Klein (1915) a mais perigosa que o enlutado pode dirigir a pessoa morta e perdida, pois ao odiar essa pessoa o indivíduo deixa de confiar em seus próprios objetos internos bons. Então, o mundo interno do enlutado é inicialmente despedaçado pela falta do objeto perdido, buscando no indivíduo os fragmentos dos objetos bons perdidos dentro do seu eu.

É possível inferir que no luto, nada existe de inconsciente a respeito da perda, ou seja, o enlutado sabe exatamente o que perdeu. Além disso, o luto é um processo natural instalado para a elaboração da perda, que pode ser superado após algum tempo e, por mais que tenha um caráter patológico, não é considerada doença, sendo assim, interferências tornam-se prejudiciais.

Para Freud (1915), o triunfo tinha características inerentes do processo de luto. Numa tentativa do sujeito em estabelecer o que perdeu, estabelece-se uma reparação maníaca, que é visto como um processo normal na filosofia do trabalho do luto.

O triunfo pode atrapalhar o processo de luto por interferir na crença do indivíduo em seus objetos bons. A capacidade de reorganização do mundo externo e interno desse sujeito e a possibilidade que o indivíduo tem de criar novos vínculos é o que faz com que ele vivencie o processo do luto de forma saudável.

Pode-se perceber, a partir do exposto, que o luto é apresentado de diferentes modos na teorização psicanalítica, variando de acordo com o autor estudado. Reconhecendo essa diversidade, propomos uma revisão de literatura com o objetivo de caracterizar a produção sobre o tema luto na literatura psicanalítica atual.

## **CAPÍTULO II**

## 4. O LUTO À LUZ DO LIVRO “A DESUMANIZAÇÃO”

O processo de luto é instalado para a elaboração de uma perda, consistindo no desligamento da libido a cada uma das lembranças e expectativas relacionadas ao objeto perdido, por isso, é considerado um processo lento e penoso. Assim veremos nesta seção a penosidade do luto à luz de Valter Hugo Mãe no livro *A desumanização*.

O romance passado nos recônditos fiordes islandeses tem como protagonista uma menina se 11 anos que experimenta o ato de estar só após a morte da irmã gêmea. O romance é narrador por Halla que nos conta o que sobra depois de perder a irmã gêmea. Um livro de profunda delicadeza em que a disciplina da tristeza não impede certa redenção e o permanente assombro da beleza. Uma utopia de purificar a experiência difícil e maravilhosa de se estar vivo.

Os demais personagens do romance são: o pai das gêmeas, a mãe, o Steindór e Einar, um menino que Halla mantinha desprezo, medo e o qual sua irmã pedia para que nunca se apaixonasse, e alguns outros poucos que vão sendo apresentados mais tarde: a tia ursa, a mulher elétrica, o homem apagado e a velha Thurid, aos quais a narradora se refere como “as nossas pessoas”.

Em casa, o pai é o seu único aliado, um amante da poesia, homem sensível que gosta de brincar com as palavras. Pelo contrário, a mãe é má e constantemente faz a sentir-se culpada por continuar a existir. Este livro conta-nos a história de várias perdas que sofreu uma menina de onze anos, a Halldora: a perda da sua irmã gêmea, Sigridur, que faleceu, deixando-a triste, vazia e “quase morta”; a perda da sua mãe que se alheou de amar, educar e cuidar da sua filha sobrevivente, infligindo-se a si própria e àquelas dores físicas e emocionais; a perda progressiva de um pai adorado que não consegue reerguer-se face à desestruturação da sua família; à perda de um filho resultado de uma gravidez na adolescência.

Mas fala-nos também do amor na adversidade: o amor a uma irmã falecida, a um pai, a um filho nado-morto, a um namorado, à poesia e à Islândia.

Quando a irmã Sigridur, conhecida nos fiordes como a criança plantada, morre, a outra irmã Halla passa a viver, portanto, sem a sua “metade”, em meio a uma família desestruturada. Ela tem uma relação conflituosa - de ódio, até - com a mãe. Por outro lado, ela

se identifica com o pai - uma pessoa lúdica e sensível; um poeta. Como se não bastassem os conflitos familiares ocasionados pela perda de Sigridur, Halla engravida de forma prematura de Einar, um adulto truculento, feio e ingênuo. Um rejeitado pela sociedade. A garota tem de lidar com a rejeição social ainda na adolescência.

Observando o exposto, pode ser considerado que o luto é um trabalho lento e gradual, além de doloroso. A princípio, o foco do romance em questão é esse processo solitário e penoso pelo qual Halla passa:

Eu sabia bem que aceitar a morte de minha irmã era um egoísmo e contradizia muito a família. A vigília dos dias não permitia que a raiva acabasse. [...] Não saberia aceitar a morte. Sentia muita revolta (MÃE, 2013, p. 19).

Assim, para a gêmea que permanece viva, a aceitação da morte não é algo que se sustenta na constatação da perda da irmã. E sim nas lembranças existentes, e no laço criado entre as duas.

Do mesmo modo, quando Halla começa a enfrentar o processo de luto de sua irmã, surge dentro de si mesma uma crise em relação ao que ela além de enfrentar o próprio luto pela irmã, a menina se encontra compelida a suportar uma crise de identificação causada por tal denominação oriunda do luto: a menos morta.

No desenrolar da história, a gêmea Halla ainda enfrenta outros desafios, que é válido ressaltar: o desafeto de sua mãe, que não consegue sobrepujar o luto pela morte de Sigridur; e outro ponto chave a perda de sua infância, quando sua vida sexual é iniciada com, Einar, por quem ela mantém medo e desprezo e acaba sofrendo um aborto, e o isolamento de seu pai, que também acaba se fechando em si mesmo, tal como a mãe.

Na passagem a seguir, há a descrição do momento em que Halla se encontra em uma tristeza profunda devido a perda real de seu filho:

O ovo partira. Diziam que era o ovo de serpente. [...] Quando me puseram um filho quieto nos braços, julguei que o meu próprio corpo se tinha ao colo. Julguei que os meus braços se seguraram. O corpo quieto do meu filho ainda mal completo. Minúsculo. Enrugado. Uns gramas de filho que não se sustentavam. Estavam no pano postos como uma pressa inexplicável. Era um filho à pressa. A minha mãe disse: fazes tudo assim, maldita, fazes tudo como se fosses um bicho. [...] Souberam todos que eu estava de morte ao colo. Souberam todos como ele chorou e se enfureceu. O meu pai, punido, abraçou o louco.

Deixou-o entrar. Eu disse-lhe: está morto. Agora, é mais uma coisa de deus. (MÃE, 2013, p.80-81).

Halla se encontra em uma posição de desespero, onde o peso das palavras e opiniões das pessoas que a circunda, é algo doloroso para a menina, como podemos ver abaixo, a maneira que a menina fala sobre ela mesmo e sobre as pessoas que estão a sua volta:

“Diziam que ambas as irmãs estavam mortas. Uma que tinha sido morta verdadeiramente, e a outra que era desumanizada. A menina desumanizada andava com as duas almas dentro de si, e ela era fisicamente considerada um fantasma. Obrigada a andar cheia de almas, eu era um fantasma. O Einar me abandonará e tinha razão. As pessoas a encarava como ora santa e ora demônio. Os santos surgem, os demônios espantam” (MÃE, 2013, p. 17).

No entanto, essa admoestação social não é seguida por Halla: “eu e o Einar, expressivos, tínhamos muito de insuportável. Sofríamos demasiado e demasiadamente. Isso se expunha e os incomodava” (MÃE, 2013, p. 93). O sofrimento manifestado gera constrangimento aos outros de modo que o desespero e o luto explícito não são aceitáveis.

A irmã gêmea menos morta, como denominado pelas pessoas da região, sentia-se esmagada pela necessidade de ter que se portar como santa ou demônio, além do que ela é lançada muito cedo a vida de uma mulher, e seu processo de passagem é antecipado de forma repentina. E após a menina sofrer pela morte de seu filho, a quem tinha se apegado como esperança de reviver, e assim a menina conclui: “Estava com doze anos, faltava pouco para fazer treze, não me via como uma criança. Era uma mulher tão completa quanto apenas a tristeza as sabia fazer” (MÃE, 2013, p. 140).

Como a menina se via em um estado desastroso, em que não havia mais esperança de vida, tampouco tinha alguém para se amparar, principalmente pela rejeição de seus pais, cada um de uma maneira, assim ela não tinha um refúgio e afirmava que:

A minha mãe, confidencieei rasgar e odioso. Odeia-me além disso. Quão grandemente não me multiplico, sou um meio intolerável que prefere não reconhecer (MÃE, 2013, p. 57).

A questão multiplicar que Halla expõe está acerca da crença inerente na província, no que tange ao abrigo em si da alma da irmã morta. Com todas estas indagações das pessoas à volta, e comentários maldosos, a menina já não sabia mais qual era a sua identidade, em meio às características maldosas que vão sendo atribuídas pelos outros. Tais fatores, congregados à solidão e ao desafeto, desencadeia uma perda da autoestima forte.

Podemos inferir que a morte é a marca do silêncio por excelência. Uma falta que faz revolver certezas e propulsiona buscas. Se morrer é encerrar uma possibilidade, não é, no entanto, extinguir o desejo por outras potências. A morte não silencia o todo, mas parte dele.

Para instaurar o processo de luto, ocorre uma perda do objeto (seja ele de natureza real ou ideal. No caso de Halla, trata-se da perda de alguém muito próximo: a irmã gêmea, sendo uma perda de caráter real. Atrelando isto ao processo de luto, há a proeminência de um desespero melancólico, o qual o indivíduo é martirizado, e se fecha, punindo-se de alguma forma pela perda.

Observar a morte entre seu estado de potência e a realização singular de seu acontecimento, ajuda-nos a entender a sua grandiloquência e a sua carga aleatória. Na experiência de cada sujeito, ela se instaura como um acontecimento incontornável, irreparável e individualizado. A morte enquanto potência aparece como a normatização da vida e da existência. Ela generaliza todas as formas de ser no mundo e faz, portanto, a interseção daqueles que têm vida sem pertencer exclusivamente a ninguém, mas a todos.

Halla começa ou, mais exatamente, é iniciada em um processo de desumanização: um escamoteamento de sua presença – parcialidade – e, a partir disso, um desprestígio à sua voz. A gêmea viva, impossibilitada de se desfazer de sua similitude física com Sigridur, funciona como a publicidade explícita da morte, indisfarçável para toda a comunidade. Ela passa a ser uma inconveniência social grave e perturbadora.

A partir da morte da irmã gêmea, o quadro desenha-se claro para Halla: “os mortos podem ser só um instrumento da morte. Como se existissem para aumentar o reino terrível que habitam” (MÃE, 2013, p. 28).

Não obstante, no desenrolar do romance, a menina Halla transforma-se em um objeto de morte, de forma apática e sem voz. Assim, o pai se torna inerte ao ajudar a filha, pois ele também está inserido em um processo de luto. E, como bem lembrado no início do romance, a menina Halla deixa bem explícito que o pai era um grande sonhador, e que abraçava-a

brevemente sorrindo, era um sorriso silencioso sem demonstração de afeto, e era tão insignificante quanto ela seria para a morte. Portanto, a menina passará a se sentir cada vez mais solitária e depressiva, próxima aos sentimentos do luto e ela mesmo era a representação da morte para os demais.

Deste modo, Klein (1940) postula que dos sentimentos que estão ligados ao luto, os mais perigosos são os de ódio contra a pessoa perdida, e que, esse ódio pode vir à tona por uma sensação de ter triunfado sobre o morto.

Os projetos interrompidos pela morte surgem como um desafio de significação. O cultivo das memórias sobre o morto, no caso de Sigridur, a gêmea morta, está parcialmente interditado pela dor de sua perda e, paradoxalmente, é fermento para a criação de especulações sobre ela no além. Analisando outra obra de Valter Hugo Mãe, o nosso reino, Carlos Marques diz: “A morte surge como mistério que tanto atrai como repele: é temor e fascínio, uma questão antinômica e insolúvel” (2009, p. 76). Nesse tema da morte, comporta-se o paradoxo, a contradição, daí a fascinação por aqueles que se ligam de algum modo ao morto. Enquanto a insolubilidade fustiga e desampara, ao mesmo tempo mantém a ligação ainda mais forte com as memórias e com a imaginação.

Notemos que o substantivo exagero, quando qualifica o substantivo morte, torna esta última ainda mais dolorosa. Algo que sobra, que está a mais, desnecessário, inconcebível: “Repeti: a morte é um exagero. Leva demasiado. Deixa muito pouco” (MÃE, 2013, p. 17).

Conforme esboça a tia de Halla ao banir da casa as lembranças de Sigridur e, ainda mais, quando almeja fazer do seu casamento com Steindór uma oportunidade “para afastar dúvidas e tristezas futuras. [...] Seria uma garantia generosa à continuação do mesmo êxtase, a peremptória reclamação da alegria” (MÃE, 2013, p. 126). A mulher urso, como Halla refere-se à sua tia, é ávida por apagar as lembranças da morte e por instaurar a felicidade por ordenamento. A alegria viria forçosamente pela ameaça do bicho poderoso. No entanto, a felicidade conseguida por essa via é apenas um demônio fingidor que os afunda em ainda mais tristeza.

Gudmundur tenta auxiliar Halla a superar o sofrimento que a rodeia, passando a menina os mais belos ensinamentos, como explicitado brilhantemente no livro:

A formosura da lagoa é sucessivamente alguma pessoa. Assim como a perfeição da lagoa só advém porquanto a posso compartilhar. Se não existir ninguém, nem a precisão de descobrir a formosura [sic] não



permanece nem a lagoa esplêndida. No significado em que ela se consolida exclusivamente pela perspectiva da aglomeração com o outro. Ele assegurava: o nome da lagoa é Halla. (MÃE, 2013, p. 42).

Arelado a estes ensinamentos que fortalecia o espírito da menina, o sábio falece, e assim a menina se sente mais uma vez dilacerada e é instaurado um novo processo de luto e martirização. Após a morte, em outro plano, Sigridur reflete-se em Halla e a coloca em um limbo: nem morta tampouco viva – desumanizada. Este é o ápice do livro, onde demonstra que a menina se encontrava viva, mas seu espírito estava desumanizado, e não tinha mais condições de conviver com os processos doloroso deste mundo. Afetando a sobrevivente que busca espelhos para esquadrihar sobre essa suposição.

Em sua trajetória, Halla encontra e rejeita espelhos e, nesse processo, forja uma imagem de si e dos outros por intermédio da construção de uma leitura/narrativa sobre os acontecimentos de seu passado. Então, ela monta um novo lugar capaz de dar conta de sua fala, antes interditada pelo trauma e pela falta de identificação com os outros membros da comunidade. Ou seja, ela consegue, por intermédio da modulação de seu olhar, elaborar leituras das pessoas, dos fatos e das coisas para assim se desdobrar dos níveis de mortes metafóricas – uma forma de sublimação.

Entretanto, é a partir da obra *A desumanização*, que podemos destacar a negação à expressão do luto fora do ambiente estritamente familiar, e passa para outro plano, o espiritual. No romance, quando o pai de Halla a abraça e lhe sorri silenciosamente, a filha vê nesse gesto seu “modo de revelar ser tão imprestável quanto [ela] para o exagero da morte” (MÃE, 2013, p. 11).

Além disso, a própria Halla enxerga em si uma nódoa desonrosa: diante das expectativas dos outros, ela espera uma forma de se comunicar com Sigridur, e, na profundidade do silêncio da morta/e, Halla acha-se mais culpada e manchada. “Confiava muito que ela teria maneira de me falar. Éramos parte de um mesmo todo. [...] As irmãs mortas eram quase iguais, de todo modo. Puxei o cabelo para trás das orelhas” (MÃE, 2013, p. 19). Aceitando para si o absurdo de que a condição de gêmeas seria superior ao poder da morte, ela encara o desafio de se manter conectada com aquela que não mais pode falar por si.

A morte desdobra-se pela palavra relacionada ao morto nas narrativas dos vivos. Para aqueles destituídos da possibilidade de elaborar uma narrativa que os defenda das comutações

com os sentidos da morte, o morto acaba por emprestar – pela via da metáfora – sua condição. Halla encontra-se despida de sua humanidade pelo desprestígio de sua presença por conta da associação à imagem de sua irmã Sigridur

## CAPÍTULO III

## 5. O LUTO DA FAMÍLIA DAS GÊMEAS HALLA

Segundo Freud 1915, o luto é caracterizado por um abatimento doloroso, a perda do interesse do mundo externo, a perda da capacidade de eleger um novo objeto de amor, o que significa substituir o pranteado, o afastamento de atividade que não se ligue à memória do falecido, o luto difere da melancolia porque nele a autoestima não é afetada.

O fio que conduz à narrativa é a maneira como a família vivencia o luto de Sigridur, a forma como concebem simbolicamente seu corpo afundado na terra, como se fosse um "plantio" para renascê-lo de uma árvore.

Foram dizer-me que a plantavam. Havia de nascer outra vez, igual a uma semente atirada aquele bocado muito guardado de terra. A morte das crianças é assim, disse a minha mãe. (MÃE, 2013, p. 11)

Eles tinham a expectativa de que a irmã "brotasse" da terra. O luto a que a família se impõe é cruel, quase masoquista. A mãe sangrava, "vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha". O luto desumaniza, cria "gente sem gente dentro", nas palavras de Hugo Mãe.

Deste modo, nesta seção será abordado o luto no que tange a família parental, em específico o luto da figura do pai e da figura da mãe. Para tal abordemos novamente o romance de Valter Hugo Mãe, o qual explicita de forma redundante tal processo pós morte.

### 5.1 O luto Vivenciado Pela Mãe Das Gêmeas Sigridur E Halla

A mãe das gêmeas lida a perda da filha de um modo assustador, chegando a desejar a morte da filha que continua viva.

Sempre prometida para a morte. Desvias morrer, dizia ela ao deitar. A tua irmã está sozinha e não te pode vir acompanhar. Mas tu podes (MÃE, 2013 p.51).

Assim, no romance, a mãe de Halla, se fecha, se martiriza, e se pune pela perda da outra filha. Tornando-se uma pessoa incapaz de amar a filha viva. A perda da capacidade de amar é uma das características que identificam o melancólico, assim como a autocrítica exacerbada, a revolta contra o eu (ego), a autopunição.

De acordo com a teoria Freudiana, a melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo interior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição na autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.

É o que acontece com a mãe das gêmeas que por se culpar por não ter conseguido salvar uma de suas filhas se pune e maltrata a que estar viva como forma de refugiar da culpa sentida.

Por vezes, a minha sangrava nos pratos. Enquanto os lavava, os cortes dos braços abriam a sujar a água. Não se cuidava. Gostava de ver as gotas escuras a cair na brancura que se pusesse anêmica, meio morrendo, era como queria. Vingava-se de si mesma por não ter sabido salvar uma filha... (MÃE, 2013, p.51).

Na tentativa de cessar a dor do luto, a mãe de Halla, começa a ferir seu próprio corpo, assim iniciava um processo de definhamento, caminhando também para a morte, ao passo que era mais fácil se culpar e punir pela perda de sua filha, e não conseguia conviver com a outra filha.

Ainda que a mãe de Halla estivesse anêmica, morrendo, era como ela queria. Assim de alguma forma ela tentava se punir por não ter conseguido salvar a filha, e assim culpava Halla por ainda existir, e a menina se afastava cada vez mais da mãe e se culpava da mesma forma por existir e sua irmã está morta. A mãe não se cansava de dizer a filha que ela deveria morrer, e que as irmãs gêmeas deveriam estar juntas seja em vida na terra ou em outro plano. Afirmando que era dever da menina acompanhar sua irmã no processo de morte e morrer.

Adicionalmente, explana:

Além de ferir a si própria, e as agressões verbais que faz à Halla, em outra situação a mãe chega a mutilar a filha enquanto esta dorme: Quando acordei, a minha mãe desfizera-me um mamilo. A pele falhava. O sangue já seco não escondia os cortes. As dores eram profundas. A minha mãe disse-me que precisávamos sacrificar o coração. Não sentir e não temer. Ter medo era um egoísmo insuportável. Eu gritei. Chamei-lhe louca, má, chamei-lhe diabo. Arrancara-me um ovo da pele. Dizia que era o símbolo da maternidade (MÃE, 2013, p. 52).

O luto é caracterizado como um processo doloroso para quem possui a perda, e tem a tristeza como uma característica de afastamento de toda e alguma atividade que não esteja frente a pensamentos acerca do objeto perdido, a perda real é um interesse perceptível no mundo externo e a incompetência de transferência da adoção de um novo objeto de amor (FREUD, 1915).

Portanto, é possível inferir que as experiências primárias constituídas de trauma e perda, entretanto, existe uma ligação direta com o protótipo afetivo adentrado na mente, e a situações análogas aos símbolos mnêmicos.

## **5.2 O Luto Vivenciado Pelo Pai Das Gêmeas Sigridur E Halla**

O luto vivenciado pelo pai das gêmeas Sigridur e Halla é dividido em duas fases, na primeira ele se refugia na literatura e na segunda vive um luto melancólico. O pai das gêmeas busca na primeira fase após a morte de uma das gêmeas se refugiar nas páginas dos livros, na escrita de poemas para adormecer a sua dor e fugir da dura realidade, como afirma Freud em: Nossa atitude perante a morte.

Então é inevitável que busquemos no mundo da ficção, na literatura, no teatro, substituto para as perdas da vida. Lá encontramos ainda pessoas que sabem morrer, e que conseguem até mesmo matar uma outra. (FREUD, 1915)

Primeira fase do luto do pai das gêmeas:

O meu pai escrevi os seus poemas e fervia de se por no papel. Inventava poemas como se não fosse o seu autor. Pasmava diante deles, incrédulo, com dificuldade em entender de onde surgiam as palavras, como era possível que o explicassem (MÃE, 2013, p.47).

Os livros tinham presas e dentes afiados e comiam gulosamente as pessoas. Começavam os fogos com páginas arrancadas e o meu pai, que era um leitor, lera muito e sabia melhor, não fazia nada. Ardiam as páginas dos livros como se pudessem levar com elas as minhas histórias que não queriam mais lembrar...” (MÃE, 2013,p.167).

Na segunda fase do luto do pai das gêmeas, é possível inferir que uma fase melancólica onde ele já não escreve mais poemas, traz consigo uma tristeza profunda, onde apenas resta ser feliz por sofrer pela filha viva, a sua melancolia se renova por consequência não apenas da morte de Sigridur, mas também pela falta que Halla faz após sair de casa para morar com Einar.

Em diversas ocasiões, Halla padece com as agressões da mãe. Numa delas, envenenada, Halla acorda com o seio mutilado. O pai salva-lhe da situação. Quando acordei, a minha mãe desfizera-me um mamilo. A pele faltava. (MÃE, 2013, p.52).

A mãe aproveitou que o envenenamento estava fazendo efeito sórdido, atirou contra a filha uma tesoura em direção ao seu peito, e mutilou diversas vezes o seio da menina. Neste momento a menina afirma que despertou do sono profundo com uma dor que não cessava além de muita dor na cabeça, quando olhou seu corpo percebeu que estava com seu seio mutilado, o sangue já estava seco e escondia a profundidade dos cortes e sua mãe gritando fortemente “morra, teu lugar é próximo de tua irmã vocês são uma só”.

A mãe de Halla logo depois afirma que ela deu a vida a ambas e que “era necessário sacrificar o coração da menina”, de modo que tudo se resolveria.

A minha mãe disse-me que precisávamos de sacrificar o coração. Diante de todo este tormento, a menina não aguentava mais o desespero em seu coração e então gritou “louca, má, o diabo”. O pai da menina não aguentará presenciar uma cena tão forte e escondeu-se em seu barco (MÃE, 2013, p.52).

Diante do exposto acima, nota-se que o processo de luto afeta significadamente o psique, ao passo que a mãe chega ao ponto de desejar sacrificar a outra filha, achando que desta forma todo sofrimento seria cessado, e mesmo que a mãe amasse ambas as filhas, todo o sentimento de depressão instalado pelo luto, desencadeou atitudes psicopatas na mãe, tirando-a de seu estado mental normal

Após atitudes como a da mãe de Halla, a menina se vê em um processo de perda da capacidade de amar, inibição da atividade e diminuição exacerbada da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas a própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.

“Sabes, acho que o meu pai vai desistindo porque já aceitou que parti. Fiquei com pena de não ter um poema para me dar. Significa que já não os escreve. Se não escrever, ele não entende nada no mundo. Fica perdido.” (MÃE, 2013, p.169). “...

O meu pai estava estranho. Havia salvo alguns livros à revelia das fogueiras para o esquecimento que a minha tinha acendia. Lera sobre os tubarões, não falava na Singridur, mas eu percebi que era um modo de conversar com ela, talvez também comigo. Sentir sua felicidade muito triste naquele instante. Porque o meu pai disfarçava os erros que cometêramos. (MÃE, 2013, p.200).

“Depois, o meu pai disse? Sofro muito por ti, e sofrer por ti é a felicidade que me resta. Ele achava que, sem ao menos esse sentimento, não havia nada.” (MÃE, 2013, p.201).

O pai das gêmeas sofria pela morte de Singridur, mas não deixava de sofrer pelo definhamento da outra filha Halla, era um processo de luto intermitente, onde um já estava instaurado e concreto, e o outro estava em processo de ser estabelecido. Deste modo, acontece com pais e mães que sofrem pela morte de um filho que morreu, e de outro que mesmo vivo permanece em processo de morte. De acordo com o senso comum, quando um filho morre leva consigo uma parte dos pais.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o corpus literário e teórico é possível concluir que no luto o indivíduo se depara não somente com a perda do objeto, mais com uma ameaça a sua própria completude. A perda significa ao indivíduo enlutado, perder parte de seu “ego”, seu “eu” o que gera um desequilíbrio psíquico, pelo fato do sujeito ter que investir a libido antes investida no objeto perdido, em um novo objeto.

Esse novo objeto por sua vez reconstitui novamente o “ego” o que favorece a pessoa enlutada na forma de investir novamente a libido. Por isso Freud diz que o luto é um processo transacional, e Melanie Klein dá o nome de luto “normal”, porque o indivíduo enlutado investe sua libido em outro objeto. O processo de luto está inevitavelmente presente na dinâmica entre os dois polos da existência humana: a vida e a morte

Assim *A Desumanização* demonstra claramente o luto coletivo e individual de uma família quando perde uma parte querida. Abrangendo de forma cruel a prática familiar do luto, mas de uma maneira poética. Percebe-se que o luto pode ser instaurado de diferentes formas para cada membro da família.

Halla inicialmente se vê desumanizada sem a irmã, qual sempre foi considerada seu espelho, mas apesar das memórias dolorosas, da relação de amor e ódio com a mãe e da forma precoce que Halla perde a irmã gêmea, ela consegue projetar seu novo lugar em Einar, pessoa qual ela passou a ter uma relação de confiança.

O pai das gêmeas, busca nos livros uma forma de fugir da realidade. Buscava refúgio nas poesias para fugir das obsessões de sua companheira, da morte da filha e como uma forma de acalantar Halla pela perda da irmã.

A mãe das gêmeas em estado melancólico do luto projeta em Halla, a culpa da morte da irmã, fazendo assim com que as duas tenham uma relação de amor e ódio. “Na melancolia se tramam, portanto, em torno do objeto inúmeras batalhas isoladas, nas quais ódio e amor combatem entre si: um para desligar a libido do objeto, outro para defender contra o ataque essa posição da libido” (FREUD, 2011, p. 81).

Podemos concluir, portanto, que diante uma perda real ou simbólica o luto pode ser vivenciado de formas diferentes por cada indivíduo, cada pessoa tem modos diferentes de lidar com as perdas, com o luto e com a realidade de viver sem o objeto perdido, enquanto

alguns passam pelo luto e os superam e projetam sua libido em outros objetos, alguns indivíduos tem a necessidade de não se deparar com a perda, porque a perda requer um investimento de energia psíquica que talvez o indivíduo não esteja pronto para alcançar naquele momento, ou talvez, a estrutura psíquica do indivíduo não suporte lidar com isso.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo. In: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73.

ECO, Umberto. *Sobre espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989 [1985].

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [2000].

FREUD, Sigmund. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. II. Nossa atitude para com a morte. In: *Obras psicológicas completas*: Edição Standard Brasileira, v. XIV. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1915]. p. 282-309.

\_\_\_\_\_. (1917) Luto e melancolia. In: *Obras psicológicas completas*: Edição Standard Brasileira, v. XIV. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1917]. p. 243-263.

FREUD, S. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosacnaify, 2011. 144 p.

MÃE, V. H. *A desumanização*. Porto Editora: Portugal, 2013. 238 p.

PERES, U. T. Uma ferida a sangrar- lhe a alma. In: FREUD, S. *Luto e melancolia*. Tradução, introdução e notas de Marilene Carone. São Paulo: Cosacnaify, 2011. p. 101-137.